

A luta de Lenin contra Stalin e a burocratização soviética¹

Marcio Lauria Monteiro²

Os anos ‘90 foram um período de recuo para o marxismo, em decorrência do impacto profundamente negativo que causaram a restauração capitalista no “bloco soviético” e a ascensão à posição hegemônica do projeto neoliberal. Todavia, nas últimas duas décadas, temos presenciado um positivo retorno do marxismo às ruas e às agendas de pesquisa. E neste momento de recuperação e renovação, é essencial não só um retorno crítico aos pensadores considerados “clássicos”, mas também a certos temas de grande importância histórica e política.

Entre tais temas deve figurar o da Revolução Soviética. Esse evento perdeu seu prestígio enquanto fonte de inspiração política e intelectual para diferentes setores da esquerda, o que fez com que sofresse um apagamento também no meio acadêmico, levando a uma considerável estagnação das reflexões críticas sobre ele. Assim, ainda que importantes trabalhos tenham sido desenvolvidos nos últimos anos, eles constituem uma isolada minoria.

Certamente uma das causas dessa perda de prestígio é a não identificação com o regime stalinista que se consolidou na década de ‘30 e que perdurou, com variações ao longo do tempo, até a restauração capitalista de 1989-91. Por isso, ante o centenário da Revolução Soviética, se faz necessário um resgate do rico período anterior à emergência e consolidação do stalinismo, que vai da conquista do poder pelos *soviets*, em outubro de 1917, à derrota da Oposição Unificada (ala do Partido Comunista pró-regeneração do regime soviético), em meados de 1928.

O estudo crítico desse período permite concluir com clareza que o stalinismo não era um resultado predeterminado da revolução, nem uma continuidade ou consequência lógica do bolchevismo, tendo existido diversas outras possibilidades históricas que acabaram por não se realizar em decorrência de processos sociais e lutas políticas. Igualmente importante, através do estudo crítico desse período se pode concluir que a burocratização soviética, fenômeno social que está na base do stalinismo, foi não só percebida por alguns dos principais atores revolucionários da época, como por eles combatida desde o começo.

Leon Trotsky, dirigente do *soviet* de Petrogrado, organizador do Exército Vermelho e principal figura a se opor a Iosif Stalin a partir dos anos ‘20, é amplamente conhecido como um ferrenho adversário e um importante analista desse processo de burocratização e do regime stalinista dele resultante. Lenin, por sua vez, também travou uma luta contra tal processo em seus últimos anos de vida, quando ele ainda estava em seus primeiros momentos, luta que é frequentemente “esquecida” pelos

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi publicada no blog Convergência em 07/07/14 (tinyurl.com/jxolcn4). Agradeço ao Prof. Dr. Felipe Demier pelas sugestões em relação ao rascunho original, ao parecerista pelas indicações e a Morgana Romão e João Soares pela revisão atenciosa.

² Mestre em História pela UFF. Contato, críticas e sugestões: marciolmonteiro@gmail.com.

apologistas do stalinismo e por aqueles que, por razões pró-capitalistas, tentam apresentar o stalinismo como uma continuidade direta ou uma consequência lógica do bolchevismo e da Revolução Soviética – a chamada “tese da continuidade”.

Apesar da projeção que possui nos mais diferentes meios, essa “tese” não permaneceu incontestada. No terreno dos movimentos sociais, desde cedo a Oposição de Esquerda soviética (ala do PC liderada por Trotsky) e, posteriormente, o que veio a ser o movimento trotskista internacional, travaram uma importante batalha para trazer à tona as diferenças entre as políticas de Lenin e aquelas adotadas por Stalin a partir de meados dos anos ‘20, bem como entre bolchevismo e stalinismo. Já no terreno da pesquisa histórica, foi apenas a partir da década de ‘60 que essa questão passou a receber tratamento minucioso, no contexto da luta de jovens historiadores sociais contra o consenso acadêmico forjado pelos chamados *cold warriors*, pesquisadores que eram política e financeiramente comprometidos com a cruzada macarthista dos anos ‘40-50 e fortes difusores da “tese da continuidade”.

Esses adversários dos *cold warriors* se autointitularam “revisonistas”, por combaterem as narrativas históricas então predominantes, de forma que utilizaram tal nomenclatura em chave positiva. Não obstante suas contribuições para uma história muito mais sofisticada, baseada em rica pesquisa documental e crítica a problemáticos conceitos caros aos *cold warriors* (tais como “totalitarismo”), recentemente alguns historiadores têm tentado reviver a “tese da continuidade” sob novas bases (de corte determinista cultural), de forma que podem ser caracterizados como “revisonistas” no sentido crítico e negativo do termo. Sentido que indica uma empreitada que retrocede em relação ao saber histórico acumulado, com fins de defender a ordem capitalista.³

Disputas historiográficas à parte, fato é que, mesmo frente a um grave quadro de saúde, Lenin dedicou seus últimos esforços a combater os rumos extremamente burocráticos, autoritários e ineficientes que o aparato estatal soviético vinha tomando. Sua resistência contra tal processo estabeleceu importantes precedentes para a Oposição de Esquerda e para a luta por ela travada ao longo da década de ‘20 no interior do PC, em prol da reforma do Estado soviético e do próprio partido. Ademais, conforme se verá, ao longo dessa sua “última luta” – como adequadamente a nomeou o historiador Moshe Lewin, à qual dedicou uma detalhada pesquisa⁴ – Lenin entrou em conflito direto com Stalin, personagem central nesse processo de burocratização, e também intensificou sua proximidade e colaboração política com Trotsky.

³ Para um debate sobre esse revisionismo que busca restabelecer a “tese da continuidade” sob novas bases, ver MONTEIRO, Marcio Lauria. Revolução Russa e revisionismo historiográfico: o retorno neoliberal da “tese da continuidade”. *Revista História e Luta de Classes* ano 10, n. 19, março de 2015, p. 23-29. Para um debate sobre o conceito crítico de revisionismo historiográfico, ver MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo na historiografia contemporânea. In MELO, Demian (org.). *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Consequência, p. 17-49.

⁴ LEWIN, Moshe. *Lenin's Last Struggle* [1968]. 4ª ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2008.

É intenção deste artigo trazer à tona um pouco da história dessa luta frequentemente ignorada, visando não só resgatar a temática da Revolução Soviética, mas também lançar uma luz crítica sobre ela. Também se dedica certo espaço às diferenças de interpretação e de postura entre Lenin e Trotsky diante da burocratização soviética e de Stalin. Para tal, utiliza-se tanto uma síntese de contribuições historiográficas existentes, quanto análises próprias dos chamados “últimos escritos” de Lenin (que consistem em cartas, notas e memorandos ditados a suas secretárias/enfermeiras).

Lenin e a burocratização do Estado soviético

Lenin detectou o processo de burocratização do Estado soviético já ao fim da guerra civil (1917-21), produzindo reflexões e sugestões políticas. Ele costumava chamar de “questão burocrática” a progressiva substituição das massas pelo partido no exercício do poder e, por sua vez, a substituição do partido pela burocracia estatal. E de “problema do aparato” o caráter altamente ineficiente dessa burocracia e sua permeação por elementos carreiristas e corruptos. Por mais que cada um tivesse suas particularidades, para Lenin eles estavam intrinsecamente ligados.

A conjuntura não era fácil. Já em 1918 o governo soviético perdeu seu pluralismo, apenas seis meses após ter assumido um formato pluripartidário, uma vez que uma ala do Partido Socialista Revolucionário dele se retirou após a assinatura do acordo de Brest-Litovski (março) e a ala restante fez o mesmo após ficar em minoria no V Congresso Pan-Russo dos *Soviets* (julho)⁵. Durante a guerra civil, sob a política do “comunismo de guerra”, a perda massiva de quadros e militantes de base e a crescente passividade política das massas, combinadas às necessidades da máquina de guerra, levaram o governo a adotar medidas de exceção, como a substituição da gestão econômica baseada em órgãos colegiados formados por delegados eleitos e amovíveis por órgãos compostos de um único indivíduo, o qual passou a ser com frequência indicado verticalmente. E não demorou para que essa mudança assumisse a forma de programa político para setores do PC.⁶

Além disso, a guerra civil também produziu uma mudança drástica na composição social do proletariado fabril, fruto de vasto êxodo rural, da migração decorrente da fome de 1920-21 e do deslocamento da vanguarda das fábricas para o *front* e para a máquina administrativa estatal. Isso levou à desagregação desse proletariado como “classe para si”, uma vez que o grosso dos operários do pós-guerra civil não havia passado pelos anos de rica experiência política pré-revolução, nem pela experiência mais profunda que foi a revolução nos centros urbanos.⁷

⁵ Cf. JOHNSTONE, Monty. *Lenin e a revolução*. In: HOBBSAWM, Eric. (org.). *História do Marxismo*. Vol. 5. São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 133.

⁶ Cf. HEGEDŰS, András. *A construção do socialismo na Rússia: o papel dos sindicatos, a questão camponesa, a Nova Política Econômica*. In: HOBBSAWM, Eric. (org.). *História do Marxismo*. Vol. 7. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 19.

⁷ Cf. MEYER, Victor. *Determinações históricas da crise da economia soviética*. Salvador: EDUFBA,

A preocupação de Lenin com a crescente autonomização do PC e da burocracia estatal sobre as massas soviéticas teve como primeira expressão significativa as suas posições ante a chamada “polêmica sobre os sindicatos”. Travada ao longo do período preparatório do X Congresso do PC e durante sua realização, em março de 1921, as duas posições principais da polêmica foram expressas por Trotsky e pelo líder da “Oposição Sindical”, Aleksandr Chliapnikov: o primeiro defendendo que os sindicatos deveriam ser os órgãos dirigentes da gestão econômica e, portanto, integrados ao aparato estatal; o segundo defendendo que os sindicatos deveriam atuar como “vigias” do Estado, dado o caráter burocratizado dos organismos de direção econômica.

Lenin assumiu uma posição intermediária. Apesar de ter defendido, em 1917, a fusão dos sindicatos com o Estado soviético, na ocasião do X Congresso ele defendeu que eles deveriam ser independentes, tendo por função primordial a defesa dos interesses econômicos dos trabalhadores e se constituindo em vigias desse Estado, e também ser colaboradores na gestão da economia. Essa sua nova posição se baseou na caracterização do Estado soviético como um “Estado operário com deformações burocráticas”, a qual reconhecia a autonomização da burocracia estatal e a via como um desvio em relação ao projeto revolucionário.⁸

Ao longo dos meses seguintes ao congresso, o quadro de burocratização se intensificou ainda mais, com a supressão do direito à formação de frações internas no PC e a perseguição aos partidos de oposição, via fechamento de seus jornais e prisão de militantes. Medidas que foram adotadas em seguida à revolta dos marinheiros camponeses da base naval de Kronstadt, ocorrida durante o congresso.

Lenin apoiou e até propôs parte dessas medidas, mas isso não foi de todo contraditório com suas mencionadas análises, uma vez que, em reiteradas declarações, elas foram tidas como excepcionais e temporárias. Ele e muitos outros esperavam que o desenvolvimento econômico almejado com a adoção da NEP (Nova Política Econômica) pudesse estabilizar a situação pós-guerra civil e possibilitar, assim, o restabelecimento de ampla democracia para a oposição soviética e para o interior do PC, além de alavancar o nível cultural das massas e criar condições materiais propícias a sua livre participação na decisão dos rumos do país.⁹

Nos anos seguintes, entretanto, essas expectativas não estavam se concretizando. Apesar de a NEP ter suprimido temporariamente o papel de gestor direto da economia que o Estado soviético havia assumido ao longo do “comunismo de guerra”, continuou a existir uma vasta rede administrativa ao nível dos novos trustes e cartéis de “economia mista”, a partir dos quais uma economia de mercado havia sido estabelecida dentro de limites estritamente controlados. Essa rede possuía aparelhos que se expandiam e se complexificavam cada vez mais, atendendo às demandas da multiplicidade de atividades econômicas que então surgiam. Assim,

1995, p. 42-60.

⁸ Cf. *Idem*, p. 21-27 e JOHNSTONE, *op. cit.*, p. 138.

⁹ Cf. *Idem*, p. 134-35.

diferente das previsões de Lenin, a NEP acabou aprofundando a tendência anterior à burocratização do controle da produção.¹⁰

Frente a esse quadro de burocratização que seguia piorando, a preocupação de Lenin só aumentou. Em uma lúcida avaliação feita em 1923, ele ressaltou a distância entre a realidade soviética e aquilo que se esperava originalmente: “*os soviets, que de acordo com seu programa eram órgãos de governo dos trabalhadores, são na prática apenas órgãos de governo para os trabalhadores pela seção mais avançada do proletariado, mas não pelas próprias massas trabalhadoras*”¹¹.

E, se o partido havia tomado o lugar do proletariado, substituindo o papel de agente dessa classe pela sua vanguarda política, por sua vez essa estava sendo progressivamente substituída pela burocracia administrativa, como Lenin reconheceu em 1922, ao falar do poder detido pelos antigos oficiais czaristas e do risco deles levarem a uma restauração do capitalismo: “*Moscou: 4700 líderes comunistas e uma massa de burocratas. Quem está liderando e quem está sendo liderado? Eu duvido muito que se possa dizer que os comunistas estão liderando. Eu penso que se possa dizer que eles estão sendo liderados*”¹².

Para Lenin, tal quadro grave remetia ao que ele encarava ser um inchaço dos órgãos administrativos, que possuíam um número muito maior de funcionários do que supostamente seria necessário, além de serem profundamente marcados pela ineficiência – que ele acreditava ser decorrente de um baixo nível cultural da população e, conseqüentemente, dos funcionários administrativos. A isso se somava ainda a autonomização desses órgãos frente à classe trabalhadora e aos camponeses, além do crescimento dos privilégios da burocracia deles. Conforme ele afirmou em um discurso a uma sessão de outubro de 1922 do Comitê Executivo Central (órgão operativo máximo do governo soviético) o novo aparelho de Estado “*muito frequentemente trabalha não para, mas contra nós*”¹³.

Assim, do final da guerra civil, até sua retirada definitiva da política, Lenin formulou diversas propostas que visavam reverter as tendências burocráticas em curso, através de uma reforma aparelho de Estado e de mudanças no próprio PC – então já consideravelmente ligado a esse aparelho e dominado pelos “homens do aparato” (*apparatchiki*). Nessas propostas, predominava a preocupação com o fato desse aparelho ter sido em grande parte herdado do czarismo e da burguesia, sendo necessária sua ampla transformação estrutural e cultural. Essa questão da transformação do aparelho de Estado adquiriu tal importância para Lenin que ele afirmou, em novembro de 1922:

A tarefa mais importante do presente momento, e dos próximos anos, é a diminuição e o barateamento sistemático do aparelho soviético, por meio de

¹⁰ Cf. HEGEDÜS, *op. cit.*, p. 39-41.

¹¹ *Apud LEWIN, op. cit.*, p. 6.

¹² *Apud Idem*, p. 10.

¹³ LENIN, Vladimir. *Últimos escritos e Diário das secretárias*. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2012, p. 58.

cortes, de uma organização mais aperfeiçoada, da eliminação da burocracia, do burocratismo e da diminuição dos gastos improdutivos.¹⁴

Outro fato que ele enxergava como central nessa reforma antiburocrática do Estado era a necessidade de uma profunda transformação cultural, que permitisse atingir uma maior eficiência administrativa. Em um artigo de janeiro de 1923, afirmou que:

Essa mudança radical [de todo o nosso ponto de vista sobre o socialismo] consiste em que anteriormente colocávamos e deveríamos colocar o centro de gravidade na luta política, na revolução, na conquista do poder etc. Mas agora o centro de gravidade desloca-se e transfere-se para o trabalho pacífico de organização cultural.¹⁵

Para o PC, suas propostas focavam: em uma maior rigidez no ingresso de novos membros, com uma considerável extensão do período de experiência e prioridade para camponeses e operários fabris, para evitar a entrada de “carreiristas” interessados em vantagens e privilégios; em punição exemplar aos comunistas que cometessem delitos, para coibir atos de predileção e proteção pelas autoridades; além de uma reforma no Comitê Central, visando reverter o predomínio de militantes que fossem funcionários do Estado e, portanto, materialmente ligados à burocracia administrativa¹⁶.

Analogamente, suas propostas em relação ao aparelho de Estado focavam no combate aos privilégios dos funcionários e na renovação de pessoal, através do ingresso nele de operários e camponeses que não tivessem exercido funções administrativas nos anos anteriores, para evitar os “vícios” da burocracia. A isso também se somavam a defesa contundente de uma significativa redução do aparelho administrativo e a defesa de contenção de medidas de exceção adotadas durante a guerra civil, em especial a limitação das funções da *Tcheka*, a polícia política soviética.¹⁷

No que diz respeito ao esforço de melhorar a eficiência administrativa e coibir os desvios burocráticos, Lenin apostou consideravelmente na atuação “corretiva” da Inspeção Operária e Camponesa (*Rabkrin*), órgão criado para supervisionar o funcionamento do Estado e que possuía uma estrutura de eleições de delegados e amovibilidade de cargos. Os agentes da *Rabkrin* tinham autoridade para inspecionar a qualquer momento as atividades dos Commissariados do Povo (equivalentes a pastas ministeriais), incluindo reuniões fechadas do Conselho de Comissários (o governo central), a fim de poder eliminar a má gestão e a corrupção herdadas da máquina czarista.¹⁸

¹⁴ Idem, p. 63.

¹⁵ Idem, p. 99-100.

¹⁶ Cf. Idem, p. 29-32, 43-44 e 48, respectivamente.

¹⁷ Cf. Idem, p. 58-59, 62, 76 e 28.

¹⁸ Cf. HEGEDÜS, *op. cit.*, p. 42 e DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: uma biografia política* [1966]. Rio de

Alguns anos depois, frente ao decepcionante desempenho da *Rabkrin*, Lenin propôs em seu “testamento político” (uma carta ao XIII Congresso nunca publicada oficialmente) a fusão dela com a Comissão Central de Controle (CCC), que desempenhava função semelhante no interior do partido e que contava com grande prestígio entre a militância partidária, de forma que os melhores quadros do PC desempenhassem um papel de vigia também sobre a burocracia administrativa¹⁹. A CCC foi criada pelo mencionado X Congresso, com o propósito de operar expurgos para manter o partido livre dos elementos “carreiristas” e de militantes corrompidos pelo poder. A proposta veio da Oposição Sindical, que almejava um paliativo para a ausência de mecanismos de poder direto do proletariado capazes de depurar o governo de tais elementos.²⁰

Mas todos esses esforços de reforma desde o topo fracassaram em grande parte. Até mesmo a *Rabkrin*, cuja ação deveria ter sido o símbolo maior das mudanças a serem implementados no aparelho de Estado, ao ter sido posta sob o comando de Stalin acabou se tornando tão somente mais um organismo dominado por uma camarilha de administradores com interesses próprios e distintos daqueles das massas soviéticas.²¹ Apesar desses fracassos de Lenin em reverter o processo da burocratização soviética, essa sua “última luta” fornece um poderoso argumento contra aqueles que alegam existir uma continuidade fundamental entre suas posições políticas e o regime stalinista que se seguiu à sua morte, que foi a consolidação e aprofundamento desse processo em uma situação de profunda crise econômica e social.

Lenin contra Stalin, com a ajuda de Trotsky

A inexistência dessa suposta continuidade é também perceptível pela crescente tensão política e pessoal entre Lenin e Stalin no final da vida daquele. Há três ocasiões específicas nas quais essa tensão assumiu um caráter de conflito aberto, levando Lenin a recomendar afastar Stalin de seu cargo de Secretário-Geral e até mesmo a ameaçar romper as relações pessoais com ele. Esses conflitos ocorreram em um momento muito delicado, pois Lenin estava sob ordens de seus médicos para que não se envolvesse em nenhum tipo de atividade política, por conta de dois derrames que sofrera em 1922.

Tais ordens haviam sido acatadas e reforçadas pela direção do PC, mas Lenin as infringiu por mais de uma vez, já que discordava da forma como o órgão dirigente do partido e seu Secretário-Geral vinham tratando certas questões que considerava essenciais. Para tal, ele contou fundamentalmente com a cumplicidade e colaboração política de Trotsky – “o homem mais capaz do atual CC”, conforme afirmou em seu

Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 255.

¹⁹ Cf. LENIN, *op. cit.*, p. 105-10.

²⁰ Cf. DEUTSCHER, *op. cit.*, p. 257-58.

²¹ Cf. HEGEDÜS, *op. cit.*, p. 43.

“testamento político”²² – bem como com a cumplicidade de sua equipe de secretárias/enfermeiras.²³

Essa renovada aliança entre Lenin e Trotsky foi tão somente o primeiro ato de uma luta que expressava duas tendências fundamentais de desenvolvimento do partido e do Estado – uma burocrática e outra democrática – e que refletia um conflito no seio do próprio partido frente a uma conjuntura de grave crise econômica e convulsão social, decorrente dos limites atingidos pela NEP.²⁴

Foi nesse contexto, de progressivo afastamento físico e político de Lenin da direção do PC e de crescente preocupação entre os demais dirigentes acerca de quem assumiria a liderança dentro do Comitê Central (CC) após sua morte, que se formou a chamada *troika* – um bloco entre Lev Kamenev, Grigori Zinoviev (então líderes de grande prestígio junto às massas e às bases do partido) e Stalin (então responsável direto pelo vasto aparato partidário). A função principal desse bloco foi assegurar uma maioria no CC e, principalmente, impedir que Trotsky ascendesse à sua liderança – uma possibilidade real, dada sua popularidade e sua crescente proximidade com Lenin ao longo das divergências dele com parte desse órgão.

Por mais que a *troika* tenha sido fundamental em assegurar à Stalin o comando da máquina partidária e estatal, é necessário levar em conta o papel central que ele passou a desempenhar em tal máquina ao longo da guerra civil e do começo dos anos ‘20. Nessa época, Stalin já se encontrava em uma situação de grande acúmulo de poderes, uma vez que era a um só tempo o Comissário do Povo para as Nacionalidades, o responsável pela *Rabkrin* e membro do *Politburo* do PC.

O primeiro cargo era um dos principais da nascente República Socialista Federativa Soviética, uma vez que recaía sob a sua responsabilidade a vasta extensão oriental do que restara do antigo território imperial, na qual se encontravam 65 dos seus 140 milhões de habitantes. A única região fora da sua responsabilidade, além da própria Rússia, era a Ucrânia, governada de forma independente. Dessa forma, Stalin era o elo direto entre o poder central e as lideranças locais, tendo construído uma vasta rede não só de valiosos contatos, mas de fiéis apoiadores.

O segundo cargo, devido às responsabilidades da *Rabkrin* – de vigília do aparato governamental e de treinar uma nova camada de administradores para suplantar aquela herdada do czarismo, constituindo um organismo altamente independente – colocou Stalin em contato direto com a vasta administração pública soviética. Por sua vez, sua função na divisão de trabalho que havia no *Politburo* (composto por ele, Lenin, Trotsky, Kamenev e Nikolai Bukharin) era a de responsável pelo aparato partidário e sua gestão cotidiana, sendo o ponto de ligação entre esse organismo operativo político do CC e seu outro braço, de caráter organizativo –

²² LENIN, *op. cit.*, p. 74.

²³ Cf. LEWIN, *op. cit.*, p. 69-70.

²⁴ Cf. PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. O Novo Curso: prólogo da tragédia. In COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994, p. 68-69.

Orgburo, cuja função principal era garantir o cumprimento pelos quadros partidários das decisões dos outros dois.²⁵

Não bastasse tamanho acúmulo de funções, no XI Congresso do partido (abril de 1922), Stalin ainda foi nomeado Secretário-Geral do novo CC, que fora ampliado não só em tamanho, mas também em funções. Originalmente, a secretaria-geral seria um organismo auxiliar do *Politburo*, mas suas funções a tornaram na prática mais relevante que ele, uma vez que as decisões dele dependiam de sua ligação com os quadros partidários para serem implementadas. E a secretaria-geral também constituía o elo entre os vários outros organismos da cúpula partidária, incluindo a mencionada CCC, de forma que podia interferir diretamente na execução de expurgos.²⁶

É significativo que, por mais que tenha apoiado a nomeação de Stalin para o cargo (sua eleição foi unânime), Lenin tenha comentado à época que “*Esse cozinheiro só sabe preparar pratos picantes*”²⁷. Assim, cerca de nove meses depois, em seu “testamento político”, ele propôs sua destituição do cargo, por considerar que havia acumulado muito poder. Pois houve um salto no acúmulo de poderes de Stalin após a formação da secretaria-geral, graças a uma série de medidas adotadas rapidamente após o derrame que Lenin sofrera em maio daquele ano (o primeiro de três) e que o afastara formalmente das atividades políticas por alguns meses.

Stalin estabeleceu uma rígida hierarquia partidária, que emanava da secretaria-geral e do *Orgburo* – ambos compostos por seus aliados próximos. Para fazê-la valer, esses dois órgãos: realizaram intervenções em um grande número de órgãos regionais do partido (principalmente na forma de “indicações” para seus secretariados ou de processos de seleção prévia controlados desde acima); estabeleceram uma rotina de envio regular de informes e orientações; e estabeleceram para os militantes dos escalões superiores uma série de benesses que constituíam um verdadeiro “sistema de privilégios e subornos a funcionários”.²⁸

A partir dessas medidas de intervenção direta e de “incentivos” materiais diversos, Stalin e seus aliados foram capazes de produzir uma rede altamente hierarquizada de fiéis funcionários, tendo inchado consideravelmente o aparato partidário e criado sérias desigualdades de poderes e de “benefícios” entre os cargos. Ele se constituiu, assim, como o verdadeiro “homem do aparato”, donde sua posição enquanto representante-mor dos interesses cada vez mais particulares da burocracia administrativa – fenômeno que Trotsky analisou em profundidade anos depois²⁹.

O primeiro dos três casos significativos de divergência explícita entre Lenin, o CC e Stalin no período pós-guerra civil foi o debate da proposta de abandonar ou não o monopólio do comércio exterior. Nessa disputa, que perdurou de fins de 1921

²⁵ Cf. DEUTSCHER, *op. cit.*, p. 253-56.

²⁶ Cf. *Idem*, p. 257-58.

²⁷ Cf. *Idem*, p. 257.

²⁸ Cf. PODTCHERKOLDIN, Aleksandr. 1922: o nascimento da partidocracia. In COGGIOLA, (org.), *op. cit.*, p. 121-24.

²⁹ TROTSKY, Leon. *A Revolução Traída – o que é e para onde vai a URSS* [1936]. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2005.

até meados de 1922, ele se aliou a Trotsky contra os favoráveis ao abandono desse dispositivo, que considerava fundamental para a manutenção do poder proletário recém-conquistado – ainda mais no contexto de abertura parcial ao capital proporcionada pela NEP³⁰. Para Lenin, a proposta de abandono – defendida por Stalin e por Bukharin, dentre outros – significaria “*deixar a indústria russa totalmente indefesa e realizar a passagem, dissimulada por um leve véu, ao sistema de livre comércio*”³¹.

A posição comum dos dois principais líderes do outubro soviético se viu minoritária no CC, mas graças à sua colaboração estreita e a uma agressiva disputa em torno da questão (ameaçando levá-la ao congresso do partido se necessário), a maioria desse órgão acabou por recuar e o XII Congresso (1923) ratificou as posições de Lenin e Trotsky quanto ao assunto³². Apesar de o conflito ter chegado a termo sem maiores conturbações, ficou clara a cooperação entre os dois e o risco que isso trazia para as ambições dos que se viram em desacordo com Lenin.

O segundo caso, muito mais significativo, exemplifica de forma mais profunda o isolamento político paulatino que Lenin sofrera em seus últimos anos em relação à composição do CC pós-guerra civil, bem como seu crescente conflito com Stalin e sua progressiva aproximação e aliança com Trotsky. Trata-se da polêmica em torno da integração da Geórgia ao que viria a ser a URSS. O conflito acerca do monopólio do comércio exterior ocorreu em meio a essa polêmica, que teve papel central em opor definitivamente Lenin a Stalin³³.

Havia uma forte oposição do CC do PC georgiano ao projeto de integração das repúblicas a um governo unificado (que interinamente seria o então governo russo), devido às experiências anteriores com a dominação czarista e seu chauvinismo grão-russo, bem como à invasão do Exército Vermelho durante a guerra civil, que ocorreu sem consulta ao PC local. Assim, esse se negou sistematicamente a abrir mão de uma posição de maior independência frente à Rússia, o que gerou uma enorme tensão entre seus dirigentes – liderados por Budu Mdivani e Filipp Makharadze – e os responsáveis pela elaboração do projeto – Stalin e Sergo Ordzhonikidze. Esses últimos acusaram os georgianos de serem “social-nacionalistas” e conduziram uma agressiva disputa contra suas posições³⁴.

A tensão chegou a tal ponto que, para fazer valer a posição pró-integração, Ordzhonikidze usou sanções disciplinares contra seus oponentes, deportou os enviados georgianos em Moscou e ainda agrediu fisicamente um deles – algo até então sem precedentes entre os bolcheviques³⁵. Inicialmente Lenin também encarou a posição dos dirigentes georgianos como um desvio nacionalista, mas, após receber uma carta do grupo de Mdivani detalhando todos esses abusos burocráticos que vinha

³⁰ Cf. LEWIN, *op. cit.*, p. 35-39.

³¹ LENIN, *op. cit.*, p. 66.

³² Cf. LEWIN, *op. cit.*, p. 39.

³³ Cf. *Idem*, p. 71-72.

³⁴ Cf. *Idem*, p. 44-46 e DEUTSCHER, *op. cit.*, p. 261.

³⁵ Cf. LEWIN, *op. cit.*, p. 56-57.

sofrendo, ele reconsiderou seu apoio político inicial à posição de Stalin-Ordzhonikidze e determinou que uma comissão investigasse o caso, tendo a sua frente o próprio Stalin e também Felix Dzerzhinski (“o incorruptível”, respeitado dirigente da *Tcheka*).

Apesar da confiança que Lenin ainda depositava em Stalin, vista na sua sugestão de que ele coliderasse a investigação, no decorrer dela ele começou a se afastar cada vez mais do então Secretário-Geral e a ter crescentes conflitos políticos com ele. Lenin considerou todo o caso gravíssimo, principalmente por conta do histórico de séculos de opressão grã-russa às minorias nacionais do Império Czarista, e ficou extremamente indignado com a condução da investigação e os resultados apresentados pela comissão, que atuou no sentido de condenar os dirigentes georgianos como forma de enfraquecer sua posição política. Ele passou, então, a defender criticamente os georgianos, compreendendo seus temores quanto a uma renovada situação de opressão nacional³⁶.

Ele resumiu sua opinião final sobre da questão em seu “testamento político”, afirmando que *“a responsabilidade política de toda esta campanha de verdadeiro nacionalismo russo deve fazer-se recair, é claro, sobre Stalin e Dzerzhinski”*³⁷. Indo contra as ordens expressas de seus médicos e do partido, ele ainda conduziu uma investigação própria, de forma “clandestina”, produzindo um dossiê que enviou a Trotsky³⁸.

Cinco dias antes de seu terceiro derrame, a partir do qual foi forçado à total inatividade, Lenin enviou a Trotsky uma carta expressando sua desconfiança ante Stalin e Dzerzhinski e solicitou a ele que lutasse pela posição dos dirigentes georgianos no interior do CC³⁹. Ademais, Lenin estava preparando um ataque direto contra Stalin para a próxima Conferência e Congresso do PC (a serem realizadas no começo de 1923), determinado a destruí-lo politicamente⁴⁰.

A “questão georgiana” consolidou a crescente desconfiança de Lenin frente a Stalin, a qual ele expressou de forma clara no seu mencionado “testamento”, recomendando afastá-lo de seu cargo de Secretário-Geral e substituí-lo por alguém que fosse *“mais tolerante, mais leal, mais correto e mais atento com os camaradas, menos caprichoso, etc.”*⁴¹. Ao mesmo tempo, o aproximou ainda mais de Trotsky, algo que Stalin percebeu e ao que respondeu aumentando o cerco a Lenin, utilizando sua convalescência como desculpa para privá-lo de informações e impedi-lo de redigir documentos, cartas e de tomar parte nas disputas do CC⁴².

O terceiro caso foi uma contenda pessoal entre Lenin e Stalin, gerada por conta deste último ter ofendido a esposa de Lenin e militante do partido, Nadezhda

³⁶ Cf. Idem, p. 58 e 62-63.

³⁷ LENIN, *op. cit.*, p. 87.

³⁸ Cf. LEWIN, *op. cit.*, p. 67-68.

³⁹ Cf. LENIN, *op. cit.*, p. 126.

⁴⁰ Cf. DEUTSCHER, *op. cit.*, p. 274-76.

⁴¹ Cf. LENIN, *op. cit.*, p. 87.

⁴² Cf. LEWIN, *op. cit.*, p. 71-72.

Krupskaia. Em meio a toda a tensão entre ambos, Stalin teria telefonado para Krupskaia e a repreendido duramente, inclusive com xingamentos, por ter redigido uma carta a pedido de Lenin, em um momento em que os médicos haviam determinado rigoroso repouso após seu segundo derrame (dezembro de 1922).

Significativamente, esse repouso forçado foi em razão de um ataque ocorrido no dia seguinte a Lenin ter ouvido de Dzerzhinski os resultados parciais de suas investigações. Igualmente significativa, a carta ditada a Krupskaia era destinada a Trotsky, agradecendo-o pela cooperação na disputa em torno do monopólio do comércio exterior e comemorando a vitória no CC. Quando soube do imbróglio alguns meses depois, Lenin exigiu uma imediata retratação por parte de Stalin, ameaçando “romper relações”.⁴³

Todavia, o terceiro derrame que Lenin sofreu (março de 1923) o deixara extremamente debilitado, levando-o à morte em 21 de janeiro de 1924. Depois desse derrame, ele se afastou definitivamente de toda e qualquer participação na vida política do partido e do país, de forma que não resolveu sua querela pessoal com Stalin e muito menos pôde levar até o fim a luta a favor dos dirigentes georgianos. O último texto de Lenin foi justamente uma carta a tais dirigentes (com cópias a Trotsky e Kamenev), escrita quatro dias antes desse derrame, na qual lhes assegurava que acompanhava a situação com “todo coração” e que estava “*indignado com a brutalidade de Ordzhonikidze e com a conivência de Stalin e Dzerzhinsky*”⁴⁴.

Esses conflitos de Lenin com o CC pós-guerra civil e, em particular contra Stalin, demonstram que o PC russo não era, até meados da década de ‘20, uma máquina burocrática engessada e altamente verticalizada. Ao invés, elas demonstram que havia disputas sérias, tanto em seus órgãos dirigentes, quanto em seus congressos e outras instâncias mais amplas – de forma que mesmo um líder incontestado como Lenin às vezes precisava travar duras batalhas para fazer valer suas posições.

Também demonstram que os desvios políticos e pessoais de Stalin e de sua nascente rede de aliados na cúpula dirigente e na burocracia partidária não foram uma invenção de seus opositores trotskistas, mas algo já detectado por Lenin. Em seus últimos anos de vida, ele travou uma dura e até “clandestina” batalha não só contra tal figura, mas contra o próprio processo de burocratização que o alçou cada vez mais ao poder e que transformou qualitativamente o PC e o Estado – batalha essa na qual convocou Trotsky diversas vezes para tomar seu lado.

Lenin e Trotsky: suas interpretações e a continuidade da “última luta”

Não obstante a proximidade entre Lenin e Trotsky nessa luta contra a burocratização soviética, havia diferenças em suas análises. Os esforços de reforma de Lenin se baseavam na noção da burocracia e da burocratização soviética como sendo principalmente resquícios da velha sociedade czarista – não só no sentido dos administradores “herdados” do velho aparelho estatal, mas também do baixo nível

⁴³ Cf. Idem, p. 71 e LENIN, op. cit., p. 125.

⁴⁴ Idem, p. 127.

cultural das massas e da grave situação econômica gerada pela guerra civil. Assim, parece ter escapado a ele a percepção de que havia um elemento novo na autonomização da burocracia estatal, associado às convulsões sociais do pós-guerra civil.

Mas isso não escapou a Trotsky e a outros quadros bolcheviques que se ergueram contra o processo de burocratização ao longo dos anos ‘20-30, e que puderam ver em maiores detalhes a transformação pela qual passava o regime. Ainda que absorvendo vários aspectos das análises de Lenin, Trotsky destacou as especificidades conjunturais e estruturais que levaram ao que ele mais tarde encarou como sendo a “reação termidoriana” da revolução soviética e a formação de um “regime de crise” no interior do Estado operário, equivalente ao cesarismo da antiguidade e ao bonapartismo do capitalismo: o stalinismo.

Tal qual Lenin, por anos Trotsky continuou a ver como a principal ameaça ao Estado operário soviético a possibilidade de uma restauração capitalista capitaneada por antigos oficiais czaristas e por traidores, mas, a partir de 1933, ele passou a ver o stalinismo como o risco principal. Deixou, então, de caracterizá-lo meramente enquanto a ala “centrista” do PC e passou a defini-lo como um fenômeno “termidoriano”, fruto de um processo de “*vitória da burocracia sobre as massas*”, e que assumia a forma da “*reação ainda estrangida a vestir as roupas da revolução*”.⁴⁵

Burocracia essa que seria a base social do stalinismo e que teria se autonomizado graças aos intensos conflitos sociais gerados pela desigualdade social – decorrente não só da devastação econômica da guerra civil, mas também do isolamento internacional da URSS e das contradições geradas pela NEP. Tais fatores teriam exacerbado ao máximo as funções de mediadora jurídica e policial dessa burocracia, em um Estado que a colocava na privilegiada posição de administradora dos meios de produção, permitindo-a parasitar a riqueza produzida e, assim, adquirir interesses particulares que a diferenciavam cada vez mais do restante da sociedade.⁴⁶

Apesar do caráter tardio dessa análise de Trotsky, foi ele que levou adiante a “última luta” de Lenin quando esse ficou incapacitado. É verdade que ele hesitou em um primeiro momento: apesar de ter a favor de si a autoridade de Lenin, optou pela via inversa que ele havia lhe recomendado e buscou de início a conciliação com Stalin, na esperança de que aquele se recuperaria e lideraria o ataque. Dessa forma, no XII Congresso (abril de 1923), ao invés de tomar o lado dos líderes georgianos, duramente atacados por Stalin e Ordzhonikidze, Trotsky acordou com o primeiro se limitar a tratar da questão da industrialização.⁴⁷

⁴⁵ Cf. MCNEAL, Robert. *Trotskyist Interpretations of Stalinism* [1975]. In TUCKER, Robert C. (ed.). *Stalinism. Essays in Historical Interpretation*. New Brunswick, London: Transaction Publishers, 1999, p. 30-51 e TROTSKY, *op. cit.*, *passim*. Citações na páginas 117 e 162, respectivamente.

⁴⁶ Cf. Idem, Capítulo V.

⁴⁷ Cf. DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta desarmado, 1921-1929* [1959]. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 119-39. A voz dissonante no congresso foi a de Christian Rakovski, dirigente da república ucraniana, que tomou o lado dos georgianos contra a centralização burocrática. Mais tarde ele se tornou um importante dirigente da Oposição de Esquerda.

Não obstante, em fins de 1923, em um contexto de crescente descontentamento operário com as condições salariais e de descoberta de duas frações clandestinas no PC, Trotsky retomou a ofensiva contra a burocratização. Em 8 de outubro, ele enviou uma carta ao *Politburo* demandando abertura democrática e revisão da NEP. Ela foi seguida, em 15 de outubro, por uma declaração de conteúdo similar assinada por 46 “velhos bolcheviques” e também endereçada ao CC. Sentindo a pressão aumentar, a reunião de 5 de dezembro do *Politburo*, ao mesmo tempo em que condenou ambas as cartas como tentativas de fracionalismo, aprovou uma resolução na qual reconhecia a burocratização do aparelho do partido e a necessidade de “*uma séria mudança de curso no sentido de uma aplicação autêntica e sistemática dos princípios da democracia operária*”⁴⁸. Redigida por Zinoviev, ela veio a público no *Pravda*, indicando uma suposta abertura política.

Um dia antes da reunião, o *Pravda* publicara a primeira parte de um manifesto de Trotsky por um *Novo Curso*, trazendo a público as posições das cartas. Ao longo dos dias seguintes, com sua posição reforçada pela resolução do CC, ele publicou as partes restantes fazendo um apelo direto às massas para que implementassem as mudanças com suas próprias mãos: estava dada a largada da luta encarniçada entre a Oposição de Esquerda, que teve no *Novo Curso* seu primeiro documento básico, e a *troika*.⁴⁹

Ao longo dessa luta, ficou claro que a resolução de 5 de outubro, bem como sua ratificação pela Conferência de janeiro de 1924 do PC e pelo XIII Congresso não passaram de uma concessão formal. A Oposição acabou derrotada em tal ano, em grande parte graças ao recrutamento massivo de milhares de novos militantes para o partido, os quais sufocaram a voz crítica dos “velhos bolcheviques” – o exato oposto do que Lenin havia defendido, ainda que essa leva de novos militantes tenha sido batizada de “Leva Lenin”, em sua “homenagem”. A Oposição continuou a luta pela democracia soviética ao longo das décadas seguintes, transformando-se em “Oposição Unificada”, depois em “Oposição de Esquerda Internacional” e culminando, já em 1938, na Quarta Internacional, mantendo viva a “última luta de Lenin”.

Conclusão

Espera-se que tenha ficado claro que o regime da burocracia soviética autonomizada em relação às massas – ou, em outras palavras, o regime stalinista – não foi fruto direto das ideias de Lenin e, menos ainda, que representou uma continuidade em relação àquele criado pela Revolução Soviética, tendo sido, ao invés, combatido ainda em suas origens pelo líder incontestado de tal revolução, em íntima colaboração com Trotsky. Por fim, cabe apenas ressaltar que a complexa história soviética não deve ser reduzida a uma luta entre indivíduos, por mais proeminente que eles tenham sido. Como apropriadamente afirmou Trotsky acerca da figura de Stalin:

⁴⁸ *Apud* BILLIK, Vladimir. Acordos e divergências Lenin / Trotsky [1989]. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *op. cit.*, p. 59.

⁴⁹ Cf. PODTCHERKOLDIN, *O Novo Curso, op. cit.*, p. 69-72.

Seria ingenuidade pensar que Stálin, desconhecido das massas, tivesse saído de repente dos bastidores armado com um plano estratégico completo – não. Antes que ele próprio tivesse entrevisto o seu caminho, a burocracia já o tinha escolhido. Stálin apresentava-lhe todas as garantias desejáveis: o prestígio de um velho bolchevique, um caráter firme, uma visão estreita, e uma indissolúvel ligação com as repartições públicas, fonte única da sua influência pessoal. Ele foi, no início, surpreendido pelo seu próprio êxito. Era a unânime aprovação de uma nova camada dirigente que procurava libertar-se tanto dos velhos princípios como do controle das massas e que tinha necessidade de um árbitro seguro nos seus assuntos internos. Figura de segundo plano para as massas e para a revolução, Stálin revelou-se o chefe incontestado da burocracia **termidoriana**, o primeiro dos **termidorianos**.⁵⁰

Assim, por mais que a ascensão de Stalin tenha entre seus fatores causais seus traços individuais, em especial sua capacidade de lidar com a vasta máquina administrativa do PC e de criar no seio dela uma rede de aliados, ela foi determinada em última instância pela sua utilidade a uma camada cada vez mais socialmente diferenciada, que necessitava de uma figura de autoridade forte, capaz de representar seus interesses.

Da mesma forma, a derrota da luta antiburocrática de Lenin e da Oposição de Esquerda, por mais que certamente tenha entre seus fatores causais a morte prematura do primeiro, as vacilações iniciais de Trotsky em se lançar contra a *troika* etc., ela também foi determinada em última instância por fatores sociais mais profundos. Como o próprio Trotsky os sintetizou: a exaustão e desmobilização das massas ao fim da guerra civil e o baque da derrota da onda revolucionária na Europa, especialmente a segunda derrota consecutiva de uma revolução na Alemanha (em 1924), que enterrou as esperanças da Rússia soviética ser alçada a patamares elevados de prosperidade pela colaboração do proletariado revolucionário europeu⁵¹.

Que, ante o centenário da Revolução Soviética, a rica experiência do combativo proletariado que derrubou o Império Czarista e das suas incansáveis lideranças políticas, como Lenin e Trotsky, seja resgatada e depurada das pesadas camadas de mentiras e falsificações que stalinistas e defensores do capitalismo jogaram sobre ela em uma vã tentativa de soterrá-la e torná-la desagradável aos olhos dos trabalhadores do mundo inteiro.

Artigo recebido em 31.8.2016

Aprovado em 16.9.2017

⁵⁰ TROTSKY, Leon. *op. cit.*, p. 110.

⁵¹ Idem, p. 109-10.